

### 3.1.1. Um Diário que não quer falar

Uma observação preliminar é importante para que o leitor não busque aqui o que não é possível encontrar. Os autores deste Diário não se posicionam politicamente de forma explícita, pois os meandros da transferência dos Ivetin para o Xingu não é objeto deste escrito que tem por fim narrar os acontecimentos como se deram, sem fazer análises do processo colonizador, algo que era indicado como a objetividade de um Diário de campo o máximo científico. Simplesmente se anota o que acontecia no dia a dia e a quantidade de alimento que era distribuído para os indígenas. Claro que cabe a nós leitores interpretar os dados e saber que esta distribuição de alimentos já era uma forma de acomodar os índios no lugar de quem recebe um tratamento circunstancial em vista de algo, um “presente de grego” que os indígenas não tinham condições de saber na sua complexidade e em todas as consequências.

Impressiona também já naquele momento a presença das fazendas ao redor e a articulação que acontecia entre estes fazendeiros, os políticos e as instâncias que decidiram pela transferência para o Xingu. A *F.N.I.* aparece como uma agência “secreta” nunca revelada, e os narradores trazem um silêncio chocante em relação aos mentores da transferência. Na verdade este Diário assusta pela cruesa do assunto sério que estava por trás de uma transferência de uma etnia para o Parque do Xingu: a invasão do território tradicional dos Ivetin. Com este dado, o que aparece bonito no cuidado diário e dedicado dos indígenas chega a ser suplantado. Talvez, por isso, nomearam-na *Missão Calada*.

Thomaz de Aquino Lisbôa tinha este Diário sob a guarda de Ivar Buzatto da Operação Anchieta, hoje Operação Amazônia Nativa. Diante da iminência do retorno dos Ivetin para o Arinos, este Diário ganha relevância ímpar, apesar de sempre estar aquém do que se procura. Não se fez mapas das aldeias Ivetin como o faria o Padre Dornstauder, não se fez uma descrição destes locais tradicionais dos Ivetin quando para lá voltavam para buscar o que tinha ficado. A informação era que os próprios Ivetin não queriam ficar em suas aldeias, talvez por causa da fragilidade que sentiam diante das epidemias e de seus muitos mortos ali sepultados. Uma desestruturação social e cultural que estava em curso por causa da invasão implacável, em vista da expansão das fronteiras agrícolas do Brasil.

O Diário começa no dia 13/01/1970 com a letra de Thomaz de Aquino Lisbôa, o que indica que esta disciplina pelo cuidado da escrita é dele, faz parte de uma iniciativa que lhe é própria. Entremeio aos escritos, por vezes a tarefa fica para o Irmão Vicente Cañas que também escreve, mas com mais dificuldade. Mais adiante já se perceberá o estilo na escrita de cada um, não só a forma das letras do manuscrito, mas são percepções diferentes, formas diferentes de ver o que acontece, algo inevitável pela prática e princípios de cada um, o que procurarei indicar fazendo destaques de uma e outra parte do Diário.

Por vezes os dois escrevem no mesmo dia, pois um participou de algumas atividades e viu coisas diferentes e o outro de outras, ambas interessantes. Importante é que chegou neste primeiro dia, pelo Projeto Rondon, um estudante jornalista, Paulo César, e outro argentino, estudante de medicina, Carlos Conforti, para atender casos de doença em auxílio ao enfermeiro jesuíta de Minas Gerais, o Irmão Fernandes. Fizeram também parte da equipe da Missão Anchieta, os Padres Thomaz Lisbôa, Antônio Iasi e o Ir. Vicente Cañas. Os dois que foram contratados para os serviços gerais foram o Ramiro e o Ricardo.

“Os índios ficaram no antigo acampamento e Ir. Vicente e Ramiro resolveram vir buscar o nosso barco a fim de descer até a aldeia antiga, acompanhando os índios que querem

ir lá buscar milho e urucu. Talvez encontrem os índios ainda transviados e possam trazê-los.” (15/01/1970)

No dia 18, Thomaz observa a distribuição de farinha<sup>1</sup>, mas não é explícito quem da equipe está responsável para fazer este gesto. O curioso no estabelecimento de um novo lugar, uma aldeia com cara de Posto de Saúde, para o atendimento aos Ivetin é como se vão dando as relações entre a equipe e os que são atendidos. Dormir fora da casa também acontece: “Hoje, as duas famílias de VERÃ e IKENÓRI<sup>2</sup> vieram dormir fora, talvez devido aos muitos pernilongos”. A estrutura maior está sendo montada com rádio amador, para guardar os mantimentos e remédios e ter lugar para acolher os visitantes. Abaixo já mostro que o rádio amador não funciona sempre e que o Thomaz possui uma escrita quase impecável enquanto o Irmão Vicente Cañas possui o impasse da língua estrangeira, como mais abaixo fica evidente.

“Amanheceu ótimo dia - PQI 32 não conseguiu copiar-nos; tentamos por mais de 20 minutos. Ramiro fez, pela manhã, o girau no 2º quarto da casa nova. Após o almoço Vicente, Ramiro, Ikenirren, Ikenori, Verã, Vinkuidá, Urká e Begroí desceram o rio no Kayapó, a fim de tentar boa pesca. Interessante como, a um convite nosso, todos se animaram. Dormirão fora e voltarão amanhã. Pela noite vieram as mulheres e pediram para que eu gravasse seus cantos. Gravei.” (21/01/1970)

O rádio para comunicação e o barco, ironicamente chamado Kayapó, mostram a estrutura montada para fazer esta transferência dos indígenas. Como Thomaz vai para a fazenda para cuidar da sua saúde, quem toma a função do Diário é o Irmão Vicente Cañas. Seu escrito é de um castelhano característico:

“La noche estaba estrellada. Cuando los indios vieron la desintegración de una estrella, comenzaron a llorar diciendo que Adam y Sinari a otro día sedo volverían para matar a nosotros. Ellos comenzaron a llorar y hablar fuerte y por la noche lo mismo.” (05/02/1970)

Não deixa de ser interessante também que é o Irmão Vicente quem observa as reações mais cosmológicas e alguns aspectos mais voltados para a compreensão das divisões entre os Ivetin. Interessante também é notar que o diálogo entre Thomaz e Vicente e mesmo com a equipe, parece fluir, o que depois é registrado por Thomaz no dia 24/02/70:

“Pelas 21 horas chovia e as famílias de Gaion e Adam vieram para dormir em nossa casa. Falavam assustados de *Kunheroo*. Entendemos que outros queriam flechá-los. Aos poucos vieram outras famílias e, por fim, estavam todos aqui alojados. Colocamos os cobertores no chão. Era tudo mêdo do tal *Kunheroo*, algum fantasma no qual acreditam e que poderia matá-los a todos. Choveu durante quase toda a noite.”

Parece que o ocorrido na noite anterior tem a ver com a questão da cultura tradicional dos Ivetin, algo próximo aos interditos para as mulheres de parte dos ritos de

---

1 Como em outros dias, esta distribuição de alimentos é fundamental, mesmo a pesca e a caça que é abundante, pelos relatos, é distribuída entre todos junto com arroz, fubá, rapadura etc. Os índios coletam bastante mel. Menciona-se que no dia 28/03/70 foi repartido entre duas viúvas um rubafo e elas não gostaram. Buscavam milho nas aldeias antigas e traziam “batatas, mandioca e araruta de as suas plantação” (14/04/70).

2 O fato de escrever os nomes indígenas em letras maiúsculas tem a ver com a dificuldade de soletrar os sons indígenas, o que facilita assim a transcrição. No entanto, a mudança na forma de escrever o nome vai acontecendo, pois somente aos poucos fica mais clara a fonética nativa mesmo dos nomes das pessoas. Por isso não vou transcrever em maiúsculo os nomes e vou padronizá-los para este trabalho quando houver várias formas de escrita dos mesmos no Diário.

iniciação masculina dos Bakairi (Sadyry), o que fez com que todos buscassem “socorro” na casa da equipe que estava ali para aglutinar os indígenas a fim de deportá-los do Arinos para o Xingu:

“Pelos 22 hrs vieram novamente os índios gritando: *Kunheroo*, com muito medo. Abri a porta e logo entrou uma turma de índios. O mesmo instante ouviram-se fortes batidas no zinco da chalana. Ramiro foi com a lanterna até perto do porto a fim de verificar o que seria. Nisto Ikenori vinha de lá com o facão na mão. Ele é quem batera no zinco. Assim mesmo, desfeito o medo, Verã e família, Urká, Venturonti e esposa, Adam e Gaion dormiram aqui” (01/03/1970).

De alguma forma, este ritual estava relacionado também às chuvas que chegaram, como mencionado no dia 24/02. As tensões entre os indígenas e a auto-denominação aparece no Diário, o que Thomaz faz questão de trazer e insistir que assim está correto, mesmo diante do Ivar Buzatto, a quem preza muito:

“Os índios chegaram emagrecidos, pálidos, com muita fome. O grupo que aqui estava, recebeu-os friamente, sem nenhum sinal de contentamento, antes pelo contrário. Isto é mais um fator que vem reforçar a opinião de que se trata de dois grupos de Ivetin. As crianças recém-vindas mostraram-se logo satisfeitas por terem voltado.” (14/03/1970).

Depois deste ritual próprio dos Ivetin, anotado com o cuidado de dizer que os indígenas realmente estavam com medo, todos se sentiram abrigados na casa da equipe. Contudo, não aparece a palavra dos indígenas de forma mais clara, o que poderia indicar o que de fato estava passando para que eles não fossem acolhidos, o que pareceria ser o mais evidente nesta situação de crise tão grave pela qual todos passavam. Adiante voltou o Irmão Vicente a escrever, agora já com uma escrita mais aportuguezada:

“Ricardo e Ramiro guardarão o feriado de São José. Fernandes regresó ao medio dia. Pe Thomaz fue para Utiariti, deo dos volta por aldea de Beiço de Pau de avião.

A primeira maloca pasaron todo para a farmacia, esto aconteceu perla tarde, causas com medo do Beraque. Fernandes dormio em a cocinha e também Verã. Fernandes está arrumando e fazendo levantamento de a farmacia. Perla noite sairam a pescar Vicente e um indio, voltó sin nada.” (19/03/70).

Vicente Cañas tem dificuldade de se colocar dentro do relato. Isso também aparece no seu Diário quando passará anos entre os Enawene Nawe. A vida cultural mostra também os detalhes da busca de milho e outros instrumentos na aldeia “antiga”, mas não tão antiga, pois ainda encontram os produtos de roça que foram plantados a pouco como o milho que não pode ser deixado na roça de um ano para o outro. E outros aspectos da vida indígena continuam a aparecer, pois parece que havia também uma perspectiva de que os Ivetin retornassem para suas aldeias de forma definitiva, “de que os índios vão embora”. Talvez este fosse o desejo do que escreve, mas não se fala nada no Diário até agora da transferência para o Xingu e tudo parece que já está suposto. Não é assunto que se possa opinar ou mesmo questionar de forma tranquila:

“Adam siu para o mato, volto com umas lagartas. Ikem termino de tejer a estera. Todo o dia fez muito calor com o ceu profundamente azul. As crianças como otros dias brincando alegremente. Gaion tem uma parte da cara inflamada por causa de os dentes” (24/03/70).

Também nas entrelinhas fica claro que o comando local do empreendimento está nas mãos do Padre Thomaz Lisboa e não há questionamento a respeito. Os poderes estão estabelecidos entre os membros da equipe e os indígenas vão se adaptando a este

novo momento com uma docilidade inocente. Realmente estão conhecendo de forma mais pacífica uma outra de relações com a sociedade que os envolvia dramaticamente.

“Fernandes fue para a fazenda pra traer ao Pe Thomaz e regresó a uma e media da tarde com ele. Também trae tres sacos de farinha de mandioca e um de arroz, tres de fubá americano, dois maços de tacuara e bastantes penas. Também um poco de urucú e uma lata de açúcar preto. Os índios todos ficaram contentes com a vinda de Tajajati. Um poco mais tarde da vinda de Tajajati, chegaram as três famílias que tinha ido apanhar urucú, que de facto não passaram de a fazenda do Marape. Nota: os índios que tinham ido, todos voltaram doentes: gripe e fuertes desinteria. Pe Thomaz repartio fubá, tacuara, urucú e as penas que tracia dadas por os Parecís” (26/03/70).

Quando o Padre Thomaz está neste local, que mais parece um acampamento de refugiados, ou algo que se assemelha aos Postos de Atração do SPI ou os que o Padre Dornstauder criou para o atendimento da saúde dos Rikbaktsa, em 1957, também na bacia do Arinos, Sangue e Juruena, é ele quem escreve<sup>3</sup>:

“Domingo de Páscoa. Dia ensolarado – distribuição de arroz, açúcar preto e um pacotinho de balas para a criançada. Depois fechamos os caixotes com remédios, etc... e colocamos no Kayapó. Vicente, Ramiro e Ricardo almoçaram cedo e pelas 10 hrs partiram com o Kayapó sendo acompanhados por Venturonti, Adam, Verati, Verã, Bengroí, Gaionti e Kaivé; foram para buscar arcos e, talvez, milho. De tardezinha Fernandes deu uma volta com a chalana, levando a criançada para passear; Iken e Ikinori também foram. De noite Huiguriti, muito preocupada, andou muito tempo procuranso sua filha Nikeni. Veio, depois, perguntar para mim; peguei a lanterna e fui procurá-la. No armazém = nada; na sua casa = nada. Estava na casa de Iken, na esteira deste. Iken quis tampá-la para que eu não a percebesse, mas vi que era ela. Foi uma brincadeira de mau gosto. Urká, desde hoje cedo, está com dor no estômago. Foi medicado e dormiu em nossa casa, na rede.” (29/03/70).

Os dados a respeito das doenças ou problemas de saúde são recorrentes e um motivo sério para a prostração dos Ivetin depois de reagirem durante anos contra os invasores no rio Arinos, como encontrei muitos relatos no Diário do Padre Dornstauder.

E no dia seguinte foi anotado novamente algo dos conflitos entre os Ivetin. Por causa disso e dos seus mortos é compreendido pela equipe que Iken chorou: “Parece que bateu em Adam. Este falou que irá embora amanhã”. Não é fácil para esta etnia ver as suas estruturas vitais ruirem e se encontrarem em estado de choque pela catástrofe acontecida na invasão do seu território tradicional, pela morte da maioria dos seus. Outro dado que reflete o drama social e que inspira cuidados são os ataques parecendo epilépticos de Urká.

“Repartição farinha e peixe. Adam ainda fala de ir embora mais de um tom menos violento. Thomaz, viendo a situação, decidiu ir com a canoa a matar; com ele a por arcos, às malocas de Tomé de França, a saída depois do café. Adam não quiere ir, quiere que também fasi[?] a Gaion, para matar saudade de suas terras e difuntos – não podia ir já que era para traer arcos – então bem a confusão, da segunda maloca não quiere ir ninguém, cada um pone uma dificuldade. Pe Thomaz resolveo ir com Veraque e Iken, campanhando como piloto Ramiro. Adam, feis uma coroa [cocar] e poco a poco fue calmándose.

---

3 Como o escrito estava sendo feito antes da reforma ortográfica, não estou considerando os acentos nas palavras, quando estes foram abolidos na língua portuguesa e não dizem respeito ao estilo de escrita do autor.

Despues de Vicente, visitar a maloca várias veces, pelas doce horas já estava todo bom. Adam pela tarde saiu a casar e voltou sin nada. Venturonti feis uma coroa e saiu com sua mulher para o mato tracendo uma boa porção de lagartas. Nanklatí teve um momento que se afogaba e espumando perla boca, ele vem a meu encontro sim poder falar e ficando rocho. Se fez a respiração artificial e pasó todo, voltando a seu estado normal. Verã, por iniciativa própria canto e danso perla tarde.” (03/04/70).

O Irmão Vicente Cañas mostra um domínio nos processos de saúde pela tranquilidade com que narra as soluções encontradas para o caso da epilepsia. Thomaz retornou com a lancha e trouxeram do Tomé de França dez arcos grandes. Passaram na Fazenda Marape, na barra do Miguel de Castro e na Fazenda ABC. Assim passa o tempo de espera para a transferência entre as pescarias, caçadas e idas e vindas nas fazendas. No dia 10/04/70 se fala a primeira vez, e de relance, a respeito da viagem dos Ivetin ao Xingu. Mas não aparece algum juízo de valor, somente a informação desta viagem chega como um avião caindo do céu.

Aparece claro que a região já estava tomada pelos fazendeiros. E as participações das fazendas nesta trama regional, auxiliando com mantimentos e bananas “para os índios”. Aparece a indicação de que o esquema já estava montado com os Irmãos Vilas Bôas e os índios Suyá lá no Xingu. Pelo que tudo indica, o processo já vinha sendo pensado a longo prazo, pois o jovem Ivetin chamado Tariri tinha ido para visitar o Xingu, mas isso não é dito explicitamente porque parece suposto. Quem escreve o Diário não está pensando nas informações que o leitor não tem para compreender seus escritos. Não aparece questionamento em relação à decisão da viagem, pois parece fora de época, ou seja, até os Paresís<sup>4</sup> enviam auxílio aos índios que estão sendo preparados para serem transferidos...

Dom Henrique Froelich e o Padre Antônio Iasi também estavam envolvidos nesta empreitada da transferência, como se supõe nesta parte do Diário: “Perlas duas horas lhego Pe Thomaz e Tariri, para integrar a seu grup. Tracia um documento da F. N. I. afirmando sua vinda para ficar. As tres mulheres da segunda maloca choraram de alegría. Todos ficaram contentes com a sua lhegada.” (12/04/70).

Com este retorno de Tariri, parece que o diálogo com o mundo dos brancos se tornou mais intenso e as curiosidades se aguçaram. No dia seguinte, algo novo é narrado: “Durante a pescaria os índios asaltarão o barracão; levando farinha, asucar e feijão, mechendo em as malas, quebrando uma e parte de dineiro de Ramiro per o chão.” Entre os conflitos internos de um jovem que vai ao mundo do branco e retorna aos seus, uma observação do Irmão Vicente Cañas é importante:

“Tariri não fala mais em portugues com seus patricios – dialoga muito com os homens e crianças, estas últimas brincam com ele. O Rapas mostra muita alegría e contentamiento, com simplicidad com os seos. Deo uma camisa a Ikem e outra a Ikinari e um facão a Venturenti. Também ele fala de hacer uma derrubada para facer rosa. Também fala de ayudar a os seus” (15/04/70).

Thomaz Lisbôa mostra interesse pela cultura indígena, mas não quer se comprometer com a iniciativa da dança Xavante neste ambiente Ivetin. Por isso faz questão de dizer no Diário que a iniciativa foi dos indígenas. Isso não seria um problema cultural para os indígenas que estavam comendo a comida dos brancos e

---

<sup>4</sup>O que aparece na capa do Diário é demasiado estranho: Diário da aldeia Parecí. Aparentemente se quer esconder do que se trata no mesmo. Contudo, Santo Inácio de Loyola ensina que devemos salvar a proposição do próximo e tendo a pensar que dá-se o caso dos dois autores estarem na aldeia Parecí quando assumem este trabalho pontual por um semestre, o que de fato evitou que fossem dizimados pelas doenças.

estavam em diálogo com este mundo envolvente de modo muito intenso. Além do mais, a imitação de músicas e danças ou mesmo instrumentos da cultura material entre os indígenas de diferentes etnias é algo que sempre o quiseram. Contudo, é bom observar que, se Thomaz não tivesse dado este acesso ao ritual Xavante, colocado o som com esta dança para eles escutarem, os Ivetin não teriam tomado esta iniciativa. Parece que eles querem agradá-lo enquanto ele é o chefe do trabalho que ali se realiza e isso os indígenas já sacaram. Talvez, por isso pedem também para que ele grave suas músicas. Depois que o Irmão Vicente Cañas SJ escreve neste dia um relato, o Padre Thomaz passa a escrever em terceira pessoa, como se não fosse ele, contudo, sua letra é inconfundível:

“P. Thomaz foi convidado pelos da 2ª maloca (maloca de Verã) para cantar e dançar com eles o canto Xavante. Tariri ajudou a convocar alguns que se mostravam retraídos. Primeiramente os homens e meninos dançaram e cantaram. Até o velho Ikenágoro entrou na roda. Depois as mulheres e meninas repetiram a cena. As mulheres foram pintadas com carvão e tudo por iniciativa deles.

Tariri foi convidado pelo P. Thomaz para dormir na casa grande dos índios; ele disse que não, pois não é casado e as mulheres o beliscam muito. Também os homens vieram dezer-me que ele devia continuar dormindo em nosso rancho.

Tariri, após os cantos, ficou longo tempo dialogando com os seus patrícios.

Iken e os de sua maloca, logo ao entardecer já foram dormir no mato.” (16/04/70).

Com letra diferente, talvez por causa da emoção ou da circunstância tensa deste momento, na hora de escrever a respeito da partida do Posto para a Divisão, ou mesmo pelo uso de outra caneta, Thomaz Lisbôa registra a viagem de caminhão com os seus muitos percalços, para chegar no Campo da Divisão, depois de 9 horas de viagem. Parece que não era para ir ou mesmo havia uma resistência interna neste indigenista missionário que sabia dos problemas que esta etnia estava passando: “Após o almoço, Pe Thomaz e Vicente resolveram dar início à retirada dos índios. Toda a maloca de Iken (com exceção de Veráguene e família<sup>5</sup>) mais a família de Verã, desceram no Kayapó até à faz. Marápe [...]. todos bem assentados, calmos, alegres.” (20/04/70). E eram 41 pessoas, dentre as quais a maioria eram crianças (24). Já no caminho, por ironia do destino, um caminhão levava 70 peões para a derrubada da mata e, depois, mais outro caminhão menor, também carregado de peões: “Todos ficaram curiosos para ver os índios. Iken desceu do caminhão, colocou-se entre alguns peões, e aceitou ou pediu um cigarro e começou a fumar... [...] Assim, após 9 hrs de viagem, os índios puderam descansar, sonhando com o avião grande que virá buscá-los”. Todos estavam na expectativa com a viagem de avião, queriam conhecer o *kamri titá* mais de perto. Não se deram conta que se tratava de uma deportação bastante ilusória, não só uma viagem de passeio. Ficaram 10 dias a espera do maldito avião. E quando ele chegou, não deu para os indígenas subirem no dito *pássaro grande* porque a pista não estava compactada suficientemente.

Quando tudo dá errado, penso que as forças cósmicas que eram contrárias estavam agindo. Parece que diziam para não irem ao Xingu, mas não se fez essa leitura na época e parecia inexorável a transferência. Somente se seguiu uma maldita ideia fixa ou a determinação de forças “ocultas”.

---

5 Fica a pergunta: onde foi parar esta família? Por isso que alguns Ivetin ainda hoje falam que alguns de seus parentes ficaram no Arinos. Muita história não foi contada ou registrada, por isso aqui deixo um gesto de gratidão pela iniciativa deste Diário. Claro que também é uma forma de se expor e as críticas por vezes aparecem para quem teve a coragem de mostrar-se. E os muitos outros personagens que se esconderam neste processo, mas estiveram presentes de forma muito mais decisiva, não serão criticados porque não sabemos deles.

Assim acabaram os Beço-de-Pau, ou Tapayúna ou Ivetin indo de caminhão até Cuiabá e ali pegaram o *kamri titá* para o Xingu. Por isso o Irmão Vicente Cañas deixa registrado uma frase no final do Diário que mais parece uma incógnita. Como até homens iluminados, com intuição do que deve ou não ser feito, podem ser induzidos a fazer o que não querem? “Tem que notar que o índio ficou como bobo e sem minha iniciativa” (em 01/05/1970).

Mal sabiam os autores deste Diário que lançaríamos luz sobre seus escritos e a criticidade faz parte do processo de apropriação deste conhecimento que é objetivado através da escrita. Depois de uma história muito particular os Ivetin se constituíram em aldeia autônoma no Xingu, mas sempre com a intenção de retornarem ao Arinos. Novos tempos apontam esta volta à terra natal, isso não sem conflito com quem se instalou em seu território tradicional.